

**Visões de
vanguarda,
imaginários
sociotécnicos
e
imaginação
social**

**Uma reflexão
crítica sobre a
economia
política da
promessa da
nova
biomedicina**

**José Carlos Pinto da Costa
(CRIA/FCSH-NOVA)**

Introdução

- Sheila Jasanoff identificou três questões fundamentais que interferem na coprodução dos futuros no contexto da economia política da promessa que estimula as vanguardas sociotécnicas a projetarem os imaginários sociotécnicos: a predominância de organizações privadas na articulação e propagação dos imaginários; a existência de tensões sobre a definição dos futuros desejáveis; e a qualidade dos imaginários enquanto tradutores dos entendimentos de uma sociedade sobre o bem e o mal.
- Na presente comunicação, convido a partirmos destas três questões para refletir sobre as implicações da economia política da promessa da nova biomedicina na produção dos futuros imaginados.



Conceitos

- **Visões de vanguarda** são...

... visões sociotécnicas particulares do futuro projetadas por “pequenas comunidades que formulam e agem intencionalmente para as construir e que terão ainda que ser aceites pelas comunidades mais amplas, como as nações” (Hilgartner, 2015: 34).

- **Imaginários sociotécnicos** são...

“...visões de futuros desejáveis coletivamente mantidas, institucionalmente estabilizadas e publicamente praticadas, animadas por entendimentos partilhados de formas de vida social e de ordem social atingíveis através de, e apoiantes de avanços na ciência e na tecnologia” (Jasanoff, 2015: 4).

- **Imaginação social** é...

...a projeção potencialmente coletiva de contingências com potencial hegemónico e organizador da vida social.

- A **economia política da promessa**...

... adota a promessa científica das visões de vanguarda como ideologia e como instrumento de transformação social e de antecipação de futuros possíveis. Este aspeto é especialmente visível nas transformações sociotécnicas projetadas no âmbito da biomedicina.

- **Dramas tecnológicos** são...

... lugares de confronto de discursividades sobre as tecnologias desejáveis num dado período e num dado espaço.



Predominância de organizações privadas na articulação e propagação dos imaginários (1/2)

- Dado que as tecnologias são desenvolvidas em empresas, e que estas são entidades financeiras (Birch, 2017), o seu valor é determinado não pela sua utilidade social, mas sim pela potencialidade de reverterem em ativos financeiros. Este aspeto torna as tecnologias e a ciência e a engenharia que lhes está na origem como elementos cujo valor é determinado pelos agentes que percebem essa reversibilidade.
- Por força desta lógica de assetização (*assetization*, cf. Birch, 2017) e financeirização do conhecimento, as instituições e os laboratórios científicos vêm-se na necessidade de ajustar a oferta à procura dos investidores. E isto transforma os imaginários tecnocientíficos e as visões de vanguarda em instrumentos de propagação de poderes potencialmente hegemónicos.



Predominância de organizações privadas na articulação e propagação dos imaginários (2/2)

Aplicado esta realidade no contexto da economia política da nova biomedicina, deparamo-nos com dois factos fundamentais (não necessariamente novos):

1. Não é possível aos utentes dos serviços de saúde compreenderem os termos em que determinada tecnologia foi produzida ou em que as tecnologias ausentes ou alternativas a essa não chegaram a ser produzidas ou a sua produção foi interrompida. Este efeito dos mercados, conhecido como aprisionamento sociotécnico (*sociotechnical lock-in*, cf. Callon & Rabeharisoa, 2008) enviesa as potencialidades de criação das vanguardas sociotécnicas e esconde ou fecha numa caixa negra (cf. Whitley, 1970) as condições de possibilidade da emergência das tecnologias do cuidado.
2. O resultado é a conformação do imaginário sociotécnico com os interesses dos poderes hegemónicos, com a “privatização normativa-interpretativa da contingência” (Rommetveit & Wynne, 2017: 139) na biopolítica atual, diminuindo-se aos políticos e às populações o poder de dirigirem a história.



Existência de tensões sobre a definição dos futuros desejáveis (1/2)

- A segunda ideia salientada da citação de Sheila Jasanoff apresentada anteriormente é a da existência de tensões sobre a definição dos futuros desejáveis. A existência destas tensões é um sintoma da ausência de ligação entre os imaginários sociais e a ciência e a tecnologia, embora estas condicionem aqueles.
- De acordo com Sheila Jasanoff (2015: 5), essa ausência é desconcertante, “porque as dimensões performativas da autorreprodução de uma sociedade – a promulgação e re-promulgação dos seus imaginários – dependem grandemente da experimentação e da demonstração, práticas que estão intimamente ligadas à ciência e à tecnologia”.



Existência de tensões sobre a definição dos futuros desejáveis (2/2)

- A ausência de ligação entre as lógicas das práticas sociais em geral e a lógica da indagação científica é uma construção da modernidade. Ela radica em grande parte na tentativa de manutenção do exercício de purificação discursiva, traduzido pela separação entre o natural e o humano (Latour, 1993) e que teria estado na base do processo de desencantamento do mundo iniciado com o Iluminismo e preconizado pelos filósofos racionalistas do século XVII.
- Apesar dos sinais de obsolescência da separação entre a natureza e o humano, devido ao aumento gradual da proximidade entre a ciência e a política observada especialmente no nosso século, os esforços de purificação discursiva, em particular nas biociências, mantêm-se bem vivos.
- A tensão essencial entre a confusão dos imaginários e a sua separação permanece através desta resistência da clivagem cartesiana, e é por isso que é necessário envolver os públicos nos debates sobre os modelos biopolíticos a implementar.



Os imaginários enquanto tradutores dos entendimentos de uma sociedade sobre o bem e o mal (1/2)

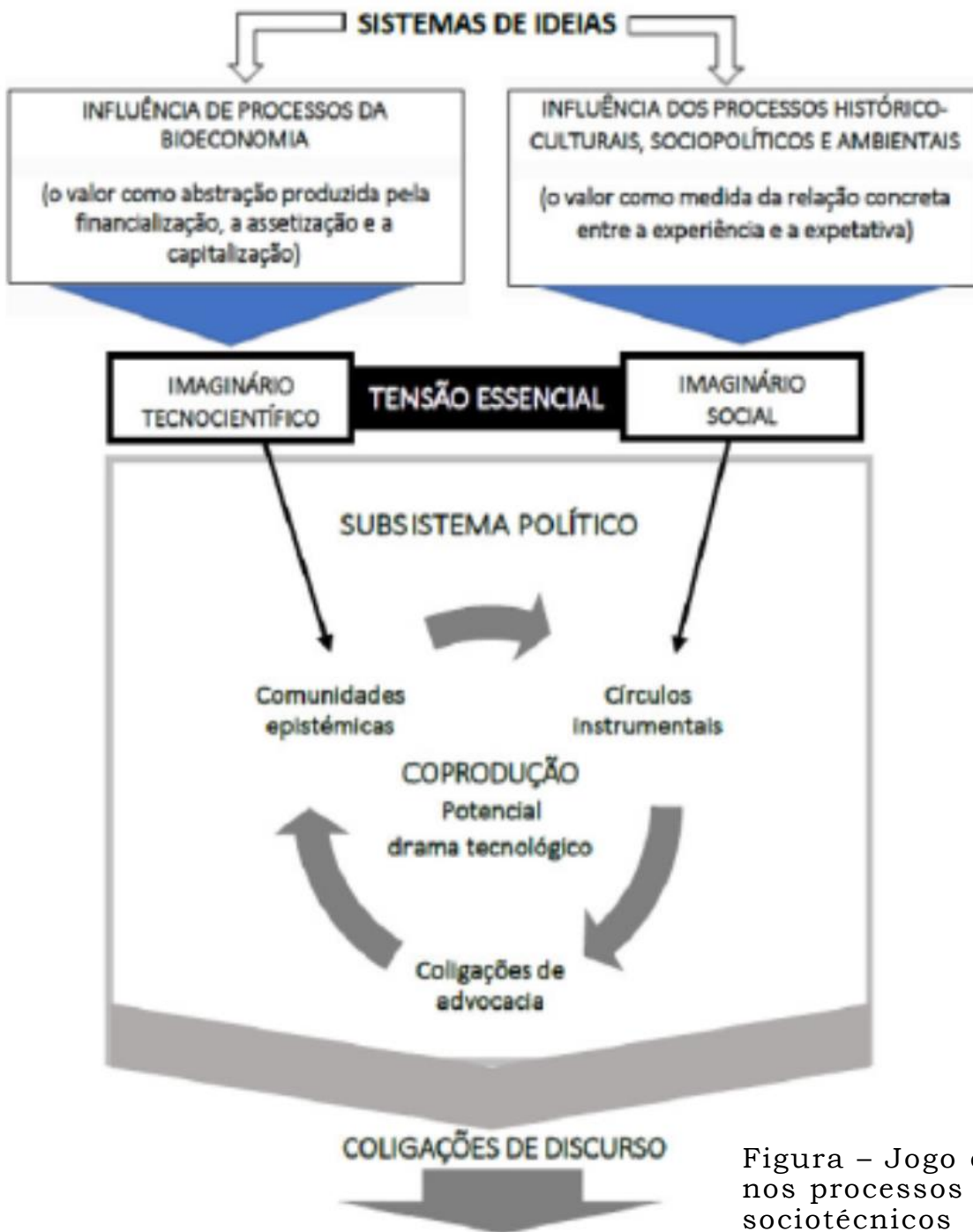
- Na realização dos imaginários sociotécnicos são envolvidos sistemas de ideias e de práticas cujos desenho e definição exprimem os imaginários dos desenhadores e dos definidores particulares.
- Os imaginários são performativos (Rommetveit & Wynne, 2017). Neles estão mais ou menos implícitos os sistemas de ideias que suportam as posições mais ou menos explícitas dos agentes no decorrer dos dramas tecnológicos (cf. Pfaffenberger, 1992).
- Durante estes dramas, o uso das estruturas de contingência (cf. Marcus, 1995), como as infraestruturas tecnológicas, o conhecimento, o dinheiro ou até a própria lei, é desequilibrado, porque os agente possuem recursos diferentes, quer em qualidade quer em quantidade. Isto faz com que os dramas tecnológicos sejam na verdade jogos de poder, onde são jogados os entendimentos sobre o que significa “valor”, ou sobre o que é valorizado como bem e o que é valorizado como mal.



Os imaginários enquanto tradutores dos entendimentos de uma sociedade sobre o bem e o mal (2/2)

- Uma das formas de identificar e analisar os níveis de convergência entre as posições dos atores envolvidos nos dramas é procurando mecanismos de coligação de discursos. As coligações de discursos aludem para a associação dos elementos das figuras da economia política do conhecimento numa composição de visões parciais sobre as tecnologias em apreço. É esta a lógica da própria coprodução, que supostamente acaba por acautelar a continuação do imaginário democrático (Ezrahi, 2004).
- Em síntese, as coligações de histórias particulares sobre um futuro prometido e esperado configuram não apenas o imaginário e as visões sociotécnicas, mas igualmente a sua materialização em estruturas de concretização de uma filosofia do desejo de suplantação das limitações, o qual é demasiado antigo para ter sido inventado (Bloch, 1983). Este é o contexto em que a emergência da nova biopolítica poderá contribuir para o cumprimento de uma função antropológica radical: o controlo das contingências.





- O jogo de poderes reflete os termos em que a tensão essencial entre o imaginário tecnocientífico e o imaginário social são entretidos num dado imaginário sociotécnico por via da imposição ou aceitação de uma dada discursividade. Na figura, o subsistema político aparece como o campo onde a economia política da promessa da nova biomedicina se joga.
- A meu ver, o estudo dos modos como este jogo conforma ou não com a função antropológica do conhecimento de controlar as contingências deve figurar como uma necessidade maior na agenda de investigação da antropologia sobre a coprodução dos imaginários sociotécnicos.

Figura – Jogo entre os diversos stakeholders envolvidos nos processos de coprodução dos imaginários sociotécnicos

Conclusão

(1/2)

- A promulgação dos interesses privados pelo imaginário tecnocientífico tem como consequência fundamental a privatização do imaginário sociotécnico e, por arrastamento, do imaginário social.
- A tensão entre os imaginários tecnocientífico e social encontra-se radicada na diferenciação dos sistemas de ideias que lhes são subjacentes, nos quais as ideias são hierarquizadas em função do seu valor social e cultural, estejamos nós a referir-nos a culturas no sentido etnológico ou a culturas epistémicas.
- Por esta razão, a tensão entre o imaginário tecnocientífico e o imaginário social reflete uma diferença de natureza sobre o que se entende por bem e mal – ou por socialmente bom e socialmente mau – no contexto desses sistemas.
- O problema maior consiste em alinhar os sistemas de ideias de forma a convergirem num mesmo entendimento sobre o bem e o mal no âmbito do desenvolvimento dos dispositivos de regulação biopolítica. O cerne do problema é, portanto, uma matéria de preocupação sobre aquilo que se considera ter valor, e não uma matéria de facto, conforme referia Bruno Latour (2004).



Conclusão

(2/2)

- A análise deste problema implica considerar o plateau científico e tecnológico como o plano de problematização adequado para indagar sobre a economia política da promessa da nova biomedicina.
- Neste plateau, as matérias de preocupação fundamentais implicarão saber: i) como é que as visões sociotécnicas das vanguardas interagem com os imaginários sociotécnicos e estes com elas; ii) até que ponto e por que modos o imaginário social ajuda a moldar o conteúdo das visões das vanguardas; e iii) quais e como são jogadas as capacidades críticas dos atores envolvidos nos dramas tecnológicos para efeitos de elaboração de coligações discursivas tendentes à materialização dos imaginários sociotécnicos, nomeadamente, os relativos à saúde.
- Estas questões remetem para a necessidade de se analisar os processos de biomedicalização, que estão centralizados no jogo de discursividades entre perspetivas dominantes e perspetivas subordinadas que tem lugar no contexto dos subsistemas políticos.
- Tal análise poderá abrir ao escrutínio os mecanismos de justificação dos diversos imaginários, revelando os interesses que lhes estão subjacentes, potenciando, assim, a democratização dos processos de coprodução dos imaginários sociotécnicos.



Referências citadas

- BIRCH, K. (2017), Rethinking Value in the Bio-economy: Finance, assetization, and the management of value. «Science, Technology, & Human Values», vol. 42(3), pp. 460-490.
- BLOCH, E. (1983), The dialectical method. «Man and World», vol. 16, pp. 281-313.
- CALLON, M. & RABEHARISOA, V. (2008), The Growing Engagement of Emergent Concerned Groups in Political and Economic Life: Lesson from the French Association of Neuromuscular Disease Patients. «Science, Technology, & Human Values», vol. 33(2), pp. 230-261.
- EZRAHI, Y. (2004), Science and the political imagination in contemporary democracies. In JASANOFF, S. (ed.) «States of Knowledge: The Co-Production science and social order», pp. 254-273. New York: Routledge.
- HILGARTNER, S. (2015), Capturing the imaginary: Vanguards, visions and the synthetic biology revolution. In HILGARTNER, S.; MILLER, C. & HAGENDIJK, R. (eds.), «Science and Democracy: Making knowledge and making power in the biosciences and beyond», pp. 33-55. New York and London: Routledge.
- JASANOFF, S. (2015), Future Imperfect: Science, Technology, and the Imaginations of Modernity. In JASANOFF, S. & KIM, S.-H. (eds.), «Dreamscapes of Modernity: Sociotechnical Imaginaries and the Fabrication of Power», pp. 1-33. Chicago and London: University of Chicago Press.
- LATOUR, B. (1993), We Have Never Been Modern. Cambridge, MA: Harvard
- LATOUR, B. (1993), We Have Never Been Modern. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- LATOUR, B. (2004), Politics of Nature: How to Bring the Sciences into Democracy. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- MARCUS, G. (1995), Introduction. In MARCUS, G. (ed.), «Technoscientific Imaginaries: Conversations, Profiles, and Memoirs», pp. 1-10. Chicago: University of Chicago Press.
- PFAFFENBERGER, B. (1992), Technological Dramas. «Science, Technology & Human Values», vol. 17(3), pp. 282-312.
- ROMMETVEIT, K. & WYNNE, B. (2017), Technoscience, imagined publics and public imaginations. «Public Understanding of Science», vol. 26(2), pp. 133-147. DOI: 10.1177/0963662516663057.
- WHITLEY, R. (1970), Black boxing and the sociology of science: A discussion of the major developments in the field. «Sociological Review», May, pp. 61-92.

Obrigado

